



HULHA BRANCA 1932

Realização, argumento e montagem: Cândido Pinto (Manoel de Oliveira)
Fotografia: António Mendes
Produção: Hidro-Eléctrica de Portugal
Produção executiva: Cândido Pinto (Manoel de Oliveira)
Cópia: 35mm, preto e branco, mudo
Duração: 8 minutos (a 20 imagens por segundo)
Estreia: Retrospectiva - Manoel de Oliveira: 90 anos, Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 18 de dezembro de 1998.

Hulha Branca, embora pouco citado, o segundo dos filmes de Oliveira, filmado com a mesma máquina e os restos de película de *Douro, Faina Fluvial*, pretende comemorar a inauguração

da Central Hidroelétrica de Ermal, em Rio Ave, fundada, em Janeiro de 1932, pelo pai de Manoel de Oliveira, industrial visionário e defensor "avant la lettre" das aplicações hidroelétricas e da criação de novas indústrias. Foi, aliás, o primeiro fabricante de lâmpadas elétricas em Portugal, numa altura em que a energia era considerada um luxo e que, em conformidade, a experiência não poderia deixar de se revelar pouco compensadora. Por coincidência, ou talvez não, são de lâmpadas elétricas ("Hércules"?) a acender perante o olhar regozijado de alguns homens anónimos em grandes planos, as últimas imagens deste filme. As cenas da inauguração no interior da central elétrica escasseiam (aparentemente porque não havia luz para filmar, segundo o testemunho de Oliveira) e a surpresa que a visão deste filme constitui prende-se

sobretudo com a sua estética próxima da "sinfonia cinematográfica" de *Douro, Faina Fluvial*. Mesmo se o fôlego do projeto é declaradamente diferente, e nessa medida não serão exemplos comparáveis, a forma e valores cinematográficos de *Hulha Branca* não podem deixar de remeter para *Douro*. Sobretudo o esplendor de algumas imagens da água em jorros, demasiado parada entre os muros da barragem ou caindo como cascata sobre a encosta, e das tubagens sulcando a paisagem, filmadas em ângulos que se desdobram, tanto lembrando canhões como carris de comboios, como puras linhas abstratas. Uma precipitação sobre a água.

Maria João Madeira
(Excerto editado, in *Folhas da Cinemateca*, 18 de dezembro de 1998).

Realizado em 1938, este segundo filme de Manoel de Oliveira manter-se-ia inédito durante 60 anos, tendo sido publicamente apresentado pela primeira vez em 1998, no âmbito de uma retrospectiva dedicada pela Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema à obra do realizador. Filme de início de carreira, o interesse cinematográfico de *Hulha Branca* foi, durante muito tempo, desconsiderado pelo próprio Manoel de Oliveira, que assina, aliás, o filme como Cândido Pinto (os seus nomes do meio).

Prosseguindo a estética de montagem que caracterizava a primeira obra do jovem cineasta, *Hulha Branca* reflete sobre o impacto do processo de industrialização na reconfiguração da paisagem, traduzindo, cinematograficamente, uma oposição entre a aparente irregularidade da paisagem tradicional e a angulosidade

retilínea da paisagem moderna. A estrutura do filme, procura, como nos restantes documentários desta primeira fase, uma conformidade com o tema, sendo, neste caso, determinada pelo processo de produção da energia elétrica. O curso acidentado do rio, a rede e canais e tubagens que conduz o caudal da barragem até à turbina, o sistema de correias que faz funcionar o gerador e os cabos que transportam a eletricidade da central até aos candeeiros de iluminação pública, serão, consecutivamente as etapas que constituem o fio condutor do filme. A homologia entre a corrente discursiva e o fluxo da energia alinha-se, num segundo nível de leitura, pela assunção do movimento e da luz como matérias do cinema. Este aspeto torna-se particularmente relevante na sequência final do filme onde, tirando partido da mesma lógica de causa-efeito e de uma analogia formal entre os pratos de proteção das lâmpadas e as abas dos chapéus, Oliveira confere ao acender da luz uma dimensão sapiencial.

A engenhosa transformação da força bruta da água em iluminação urbana (revisitação moderna do tema da luz contra as trevas) converte-se, assim, em signo da inteligência humana e das virtualidades do progresso.

António Preto

